

CARTOGRAFIA DA INFÂNCIA: CRIANÇAS PRODUZINDO MAPAS DO MUNICÍPIO DE CRATO (CEARÁ/BRASIL) E O ENSINO DE GEOGRAFIA

Maria Clarisse de Souza Clementino

Graduanda da Universidade Regional do Cariri (URCA) – Membro do Polo Crato da rede de pesquisa “Imagens, geografias e educação”. E-mail: Clarisse_souza311@hotmail.com

Beatriz Alves Leite

Graduanda da Universidade Regional do Cariri (URCA) – Membro do Polo Crato da rede de pesquisa “Imagens, geografias e educação”. E-mail: beatriz.urca@gmail.com

Cassio Expedito Galdino Pereira

Professor substituído Departamento de Geociências da Universidade Regional do Cariri (URCA) – membro do Polo Crato da rede de pesquisa “Imagens, geografias e educação”. E-mail: cassio.expedito@hotmail.com

Glauco Vieira Fernandes

Professor e adjunto do Departamento de Geociências Universidade Regional do Cariri (URCA)- Membro do Polo Crato da rede de pesquisa “Imagens, geografias e educação”. E-mail: glauco.vieira@gmail.com

INTRODUÇÃO

O mapa é uma imagem tangível, virtual ou mental, tendo para a ciência geográfica o valor de objeto-símbolo (GIRARDI, 2009). Como artifício para entender a multiplicidade do espaço com todas suas interações e inter-relações (MASSEY, 2008), o professor utiliza-o em sala de aula para apresentar uma visão do mundo para os alunos. Dessa forma, tornam-se ferramentas importantes no processo de ensino-aprendizagem no que concerne ao estudo geográfico. Esses podem ser usados para melhor compreensão dos conteúdos abordados em sala de aula, já que os mesmos revelam como se dá a dinâmica do espaço geográfico. Dessa forma, a cartografia pode trazer o conteúdo mais próximo do aluno.

Com a adesão do ensino de cartografia nas escolas, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), intensificou-se busca por estratégias metodológicas para pensar, perceber e representar o espaço (BRASIL, 1997). Dessa procura levou aos geógrafos-professores tentarem resolver o problema da geografia chata e enfadonha de Lacoste (1988), dando mais prazer e entendimento sobre a importância desse saber para a transformação do espaço. Assim, a cartografia escolar seria útil para o aluno ver geografias não visíveis, pessoal, que concentraria crenças, ideologias e sentimento desse espaço (PEREIRA e SEEMANN, 2014).

Entretanto, são nítidos os impasses encontrados na produção dos mapas escolares. Nitidamente, nas redes de ensino público há um limitado material didático para se trabalhar

cartografia. E quando tem são empregados em uma linguagem que dificulta a compreensão das crianças, já que tais mapas possuem uma tecnicidade e naturalização (FONSECA, 2012) que os tornam não compreensíveis pelas crianças. Esses fatores ocasionam impasses na educação cartográfica. Assim, “os mapas devem ser produzidos a fim de desenvolver a mente da criança, especialmente em termos de construção do espaço”(OLIVEIRA, 2014, p.18).

A elaboração dos mapas são de fundamental importância na compreensão das relações políticas, econômicas, sociais e culturais presentes nos mesmos. Então, como trabalhar e desenvolver mapas numa abordagem crítico- espacial? Como incluir as normas dos PCNs, sem que os professores tenham suporte didático para tal prática? E quanto as dificuldades dos mesmos em lidarem com os conteúdos cartográficos?

As representações cartográficas infantis revelam sua visão de mundo, seus instigantes e únicos modos de expressar com afetividade o espaço. Almeida (2006) corrobora com essa ideia, mostrando que os mapas infantis nos apresenta amplas informações e conhecimentos não escritos. Estes podem criar meios de ensinar os conteúdos de Geografia. Verifica-se que essas práticas educativas em cartografia de produzir mapas permite a possibilidade de despertar habilidades artísticas/criativas, pensamentos críticos/reflexivo e libertar a imaginação sobre o espaço geográfico.

Partindo dessa perspectiva, nota-se a importância de analisar como as crianças veem e revelam seus conhecimentos sobre o espaço através de imagens cartográficas. Nesse sentido, esse artigo tem o objetivo de falar das experiências cartográficas que vem sendo realizadas pelo grupo CNPq IMAGO, ao qual faz parte da rede de pesquisa “Imagens, geografias e educação”, junto as pesquisas desenvolvidas no laboratório de cartografia. Parafraçando Lopes e Vasconcelos (2005), aqui queremos mostrar o quão útil é refletir sobre a ‘cartografia da infância’ instigada por pesquisas realizadas no município de Crato (Ceará). Nessas pesquisas queremos expor a potencialidade/possibilidade das imagens cartográficas produzidas para e pelas crianças serem instrumentos para trazer à tona lembranças, percepções, sensações e afetividades do espaço geográfico.

GEOGRAFIA DA INFÂNCIA: UMA FORMA DE REPRESENTAR O ESPAÇO UNINDO GEOGRAFIA E ARTE ATRAVÉS DOS MAPAS

Entendemos que o mapa não é uma expressão naturalizada sobre o território, mas um dispositivo para revelar os outros e/ou novos relatos das práticas espaciais (MARQUEZ,

2014). Podemos ver em Pereira (2014), a memória em mapas arraigados no passado, com incremento da passagem do tempo, acumulado de sensações afetivas. Logo, verifica-se aqui que o método cartográfico pode ser produzido por escolhas poético-estéticas e utilizando diferentes linguagens metodológicas que podem variar e/ou se modificar a partir de valores de indivíduos ou grupos culturais ou coletivos. “Assim, tornamo-nos autores e preceptores que trocam sonhos, ilusões, realidade, ficções, mas, principalmente, que buscam uma relação mediante cartografias impulsionadas pelo afeto, ora seu, ora do outro” (PEREIRA, 2014, p.115).

Elza Yasuko Passini nos aponta também que o mapa relata de forma viva as relações e conflitos sociais que acontece(ra)m neste espaço geográfico (PASSINI, 1994). Almeida (2006) discute sobre essa importância e considera que os conhecimentos espaciais que a criança tem, partindo da sua análise pessoal/espacial, para, por conseguinte, avançar em propostas metodológicas, podem ser um grande alicerce na educação cartográfica e geográfica. Desse modo, o professor/aluno ao observar esses mapas feitos poderá identificar pelas mensagens não verbais rastros, invenções, acontecimentos, transformações, devires, etc.

Entretanto, é notório ver que os professores do ensino fundamental I apresentam dificuldades no processo de ensino-aprendizagem no que engloba o estudo cartográfico, em especial de sair da ideia do mapa ser ilustração (RICHTER, FARIA, 2011). Retirar essa ideia de mapa como algo supérfluos ou como meros desenhos/pinturas sem nenhuma contribuição geográfica é abrir outros e/ou novos caminhos para sala de aula, saindo dessa mera reprodução, decalque cartográfico. Como expõem Seemann (2013, p. 20):

Onde está nosso problema? Em um texto intitulado “A reprodução do não-saber o uso dos mapas por professores e alunos do ensino fundamental”, a geógrafa Ângela Katuta investiga o conhecimento cartográfico defeituoso nas escolas, chegando à conclusão de que a professora de geografia, muitas vezes, reproduz na sala de aula o que ela mesma aprendeu quando aluna.

Dessa forma, materiais didáticos que tenham mapas, como os livros didáticos, são pouco explorados. Situações como essa, provém desde a graduação, ou até mesmo por questões próprias. Muitos docentes passam “por cima” de temas voltados à cartografia, quando ainda estão em formação acadêmica, o que, futuramente se repetirá quando licenciado.

Nessa perspectiva, os mapas feitos por crianças podem trazer pistas, brechas, fissuras no meio de como trabalhar e deixar expresso a densidade/intensidade presente pelo

espaço. Consequentemente, podem liberar pessoas conscientes sobre o conhecimento geográfico presente em qualquer escala, que são cidadãos que não só exercem os deveres, mas também exige seus direitos.

Assim, temos que considerar que estes mapas aqui trabalhados:

(...) pode ser compreendido como um sistema de representação simbolização, um trabalho gráfico da criança que não é resultado de uma cópia, mas da construção do objeto pelo sujeito. (SEEMANN, 2013, p. 89).

Dessa maneira, pelas pesquisas realizadas pelo IMAGO e tomando aporte teórico o referencial base da rede *Imagens, geografia e educação* abordamos imagens cartográficas como elo para sair do ilustrativo e ir para a multiplicidade, inter-relação, interação, ir para o espaço aberto. Partindo da imaginação, criatividade, inovação e entendimento o aluno traz imagens que transformam, desconstruem, poetizam imaginamos mundo.

O mapa não reproduz o inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói (DELEUZE E GUATTARI, 1995). Deleuze e Guattari apontam o mapa como aberto, ou seja, ele pode se ramificar e ser utilizado de diversas formas como por exemplo: para fins políticos, econômico, ambiental, artísticos ou social. O mapa pode apresentar várias entradas e saídas. Pode ser rasgado, revertido, amassado, transformado.

Partindo dessa concepção, podemos unir a ideia de cartografia da infância, quando a criança representa um determinado lugar, este pode diferenciar dos lugares escolhidos por seus colegas, visto que a concepção de vivência pode ser divergente de acordo com o espaço que a criança convive. Ou seja, mapa aberto pode ser inserido como essas divergentes formas de apresentações espaciais (OLIVEIRA JR., 2011). Com isso,

(...) buscamos compreender como os espaços vão (des)pensados e (des)organizados no seu cotidiano, como elas (*as crianças*), os vivem e os redesenham, quais são seus territórios usados e quais outras forças sociais que aí se amalgamam. (LOPES e VASCONCELLOS, 2005, p.49, modificado por nós).

Vale salientar que esses mapas aqui feitos não devem ser compreendidos só em extensão, em relação a um espaço construído por trajetos. Estes mapas são de intensidade, de densidade, que dizem respeito ao que preenche o espaço, ao que subtende o trajeto (DELEUZE, 2011). Podemos exemplificar isso dizendo que ao apresentarmos a rua que moramos são identificados aspectos espaciais, de localização e de representação dos elementos presentes no mesmo. Porém, esse espaço traz na mente de quem os produziu

elementos que podem não ser interpretados e visualizados no mapa, eles estão inseridos na memória e na vida de quem convive com esse lugar.

As brincadeiras, os acontecimentos cotidianos, os vizinhos e amigos, podem não aparecerem, mas são elementos construtivos que não se fazem presentes de forma ativa como a localização de uma casa, porém são percebidos pelo autores de forma passiva.

O período da infância é visto como o período de grandes descobertas, nas quais, devem ser aproveitadas ao máximo, pois, é considerada como um artefato social (LOPES E VASCONCELLOS, 2005). As crianças, apresentam modos distintos de perceber seus próprios deslocamentos, realizando novos conhecimentos sobre o curso de suas vidas, pois seus territórios abrangem uma grande diversidade de desigualdades. Então é através da oralidade que as crianças buscam narrar as suas descobertas, utilizando também como ferramenta o seu mapa mental.

Através desse entendimento/contato com alunos/professores da rede pública do Crato (Ceará) e os diálogos feitos nessa produção, é possível perceber que os mapas tem que ser desoficializados dos mapas topográficos para trazer compreensão, vivência e sentimentos sobre o espaço. Temos que utilizar a potencialidade da artes para derivar e mostrar as imersões do conhecimento dos conteúdos geográficos (HARMON, 2009; OLIVEIRA JR., 2012).

METODOLOGIA

Este trabalho é fruto de pesquisas desenvolvidas no laboratório de cartografia junto ao grupo IMAGO, onde buscamos desenvolver discussões sobre a importância das diferentes linguagens visuais para revelar os fenômenos e relações socioculturais e espaciais no Cariri e no mundo. A pesquisa foi desenvolvida na escola pública de ensino fundamental E.E.F.DOM QUINTINO. De início, partimos de estudos teóricos, com leitura de textos, livros, artigos, etc. de geógrafos que pesquisam sobre práticas pedagógicas cartográficas nas escolas. Para realizarmos essa pesquisa, obtivemos os primeiros contatos e diálogos com crianças de faixa etárias de seis a dez anos de idade.

Em seguida, foram feitos a produção de mapas mentais, cuja temática se referia aos impactos ambientais numa visão global. Foram utilizados materiais simples como: folhas em

formato A4, lápis de cor, canetas e giz de cera. Em seguida, os desenhos foram interpretados pelos próprios alunos e analisados pelos pesquisadores.

Com o intuito de conhecer como se dá o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula se fez relevante mapear e estabelecer o primeiro contato com uma das várias escolas públicas localizadas na Cidade de Crato. Ao qual buscamos levar os alunos a uma perspectiva de representar suas concepções lúdicas sobre dada temática, a partir da atividade proposta.

Será feito um retorno a essa escola onde será pensado a produção de materiais didáticos como recursos para outras atividades lúdicas como: jogos, colagens, fotografias, filmes, produção de poemas, cordéis, xilogravuras, produções artísticas com materiais naturais, mapas digitais, maquetes, performance ou qualquer outra ação com uma dimensão geográfica.

O ato de brincar, produzir maquetes, debates e curiosidades sobre o que queremos propor para as mesmas, nos levam a um ensino-aprendizagem dinâmico e interativo. Nessa perspectiva, à medida que forem sendo realizadas tais atividades, todos os materiais produzidos serão analisados e documentados.

A CRIATIVIDADE E CRITICIDADE DAS CRIANÇAS EM REPRESENTAR NUMA VISÃO GLOBAL OS IMPACTOS AMBIENTAIS

A partir desse primeiro contato com as crianças e a análise dos primeiros trabalhos, podemos discutir sobre as impressões iniciais.

No primeiro mapa, o aluno de onze anos de idade representou o planeta terra, remetendo a um rosto humano, onde seu entorno é cercado por fábricas que representam a poluição e tais problemáticas que a emissão de poluentes provocam no planeta. Partindo do enfoque crítico que o mapa apresenta o aluno buscou representar seu sentimento de alerta sobre tais problemáticas. Vale ressaltar que o aluno coloca o homem como difusor de tais problemáticas ambientais. Todos esses danos causados retorna de forma negativa para o planeta. Diante disso surgem questionamentos como: “A expressão facial presente no mapa pode estar ligada ao sentimento de quem o produziu?”.



Mapa I (Fonte: CLEMENTINO M.C.S.)



Mapa II (Fonte: CLEMENTINO M.C.S.)

O mapa II, foi feito por um aluno de 6 anos de idade, ele utilizou bolas marrons sobre todo o entorno do planeta. Quando perguntado o que elas representavam ele falou: “Essas bolas representam o lixo”. Ou seja, a forma pode confundir a interpretação de um adulto acerca da mensagem que a criança quis expor no desenho. As bolinhas marrons, foi a maneira

que o aluno encontrou para tal representação, mesmo de uma forma “inconsciente” ele abordou à temática da poluição.

“A interpretação de mapas-múndi infantis representa mais do que um exercício de desenho. Trata-se de uma ferramenta para enfatizar e visualizar ideias e problemas que não se expressam mediante outras linguagens e para indicar a visão e consciência que os alunos têm sobre os problemas globais nos contextos social, econômico e político”. (ALMEIDA, 2001, p.11).



Mapa III (Fonte: CLEMENTINO M.C.S.)

O mapa de número III, foi produzido por um aluno de sete anos de idade onde representou o planeta chorando com algumas fábricas, é interessante notarmos as cores usadas. No caso das indústrias a cor preto e as cores verde e azul, para representar um ambiente que resiste as degradações ambientais. Na parte superior do planeta podemos visualizar um homem que pratica poluição jogando lixo na rua.

Diante do que foi exposto, a produção de mapas representam de forma única o que vem na mente dos alunos ao expormos uma temática e por conseguinte suas representatividades críticas, as quais remetem uma mensagem de alerta e reflexão para a sociedade sobre certo tema abordado.

RESULTADOS

Através das criações/inventariações cartográficas das crianças, sobre um determinado espaço, percebemos que elas constroem seus mapas mentais através da oralidade, ou seja, trazem na sua memória momentos e acontecimentos, as suas recordações, de um determinado espaço-tempo, sendo essas recordações boas ou ruins, que nos possibilita ter uma outra forma de compreender aquele espaço.

Então, quando Marques diz: “O universo das narrativas cartográficas é o da inventividade humana e da capacidade de lançar outro olhar sobre o que significa a memória”, ela se refere à questão de que o ser humano tem a possibilidade de usar a sua criatividade para abrir meios, nos libertando para uma nova leitura.

Toda criança escolhe um território, um espaço específico para ali descrever, ressignificando as suas memórias. Esses territórios nos reconfiguram, nos reconstroem. Então, na medida que fazemos parte de um lugar estamos territorializando-o, ou seja, ele deixa de ser algo abstrato para se tornarsimbólico, onde despertamos pensamentos e sentimentos.

O imagético se faz presente antes da criança começar a “rabiscar” o mapa, antes de serem produzidos a criança parte do conhecimento que ela adquiriu em sala e no cotidiano, aquilo que é real na visão da criança se mostra quando a mesma dá formas e cores ao seu mapa.

Assim toda criança é criança de um local; de forma correspondente, para cada criança do local existe também um local de criança, um lugar social designado pelo mundo adulto e que configura os limites de sua vivência; ao mesmo tempo toda criança é criança em alguns locais dentro do local, pois esse mesmo mundo adulto destina diferentes parcelas do espaço físico para a materialização de suas infâncias (VASCONCELLOS E LOPES 2005, P. 39).

Para construir um mapa mental, o aluno parte de um tripé, são eles: reflexão, quando o aluno pensa o que vai inserir no seu mapa; a percepção, pois os mapas são feitos através das experiências cotidianas e a representação que se faz presente na produção do mapa. A cartografia é então, elemento importante no ensino-aprendizagem. O ato decartografar, instiga o aluno a observar o espaço criticamente e compreender como se dão tais processos.

Instigá-los a serem não apenas ouvintes como também construtores de ideologias e participantes ativos nas atividades em sala de aula. O espaço ao nosso redor é constituído de diversos elementos que explicam de forma prática os estudos apresentados em sala. Reproduziresse espaço através de imagens enriquece o olhar crítico para pensar sobre temáticas como as problemáticas ambientais presentes no espaço geográfico (no que concerne relação homem-meio), buscando alternativas para transformá-lo. Assim, a elaboração de mapas mentais é de fundamental importância para os alunos compreenderem as relações políticas, econômicas, ambientais, sociais e culturais presentes no espaço.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R.D. de. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. 4.ed.-São Paulo: Contexto, 2006. - (Caminhos da geografia).

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia**. Brasília, MEC/SEF, 1997.

D.; FARIA, G.G. de. **Conhecimento geográfico e Cartografia: produção e análise de mapas mentais por alunos do ensino fundamental e médio**. In: 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, 2009, Porto Alegre. Anais do 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. 2ª Ed. São Paulo: ED. 34, 2011. 208 p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v.1.

FONSECA, Fernanda Padovesi. **A naturalização como obstáculo à inovação da cartografia escolar**. Revista Geografares, v. 12, p. 175-210, 2012.

GIRARDI, Gisele. Funções de mapas e espacialidade: elementos para modificação da cultura cartográfica na formação em Geografia. **RBC. Revista Brasileira de Cartografia**, v. 66, p. 861-876, 2014.

LOPES, Jader Janer Moreira. **Geografia da Infância: reflexões sobre uma área de pesquisa**/ Jader Janer Moreira Lopes, Tânia de Vasconcellos. Juiz de Fora: FEME, 2005. 80 P.

MARQUEZ, R. M.; **O mapa como relato. RA'E GA: o Espaço Geográfico em Análise**, v. 30, p. 41-64, 2014.

MASSEY, D. **Pelo espaço – uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

OLIVEIRA Jr., Wenceslao Machado de. A educação visual dos mapas. **Revista Geografica de America Central** (online), v. 47E, p. 1-20, 2011.

PASSINE, E.Y Alfabetização cartográfica e educação para a autonomia. In: PASSINI, E.Y. **Alfabetização Cartográfica e livro didático: Uma análise crítica**. 2ª.ed. Belo Horizonte; Editora Lê, 1994.

PEREIRA, J.C. **Cartografias afetivas: proposições do professor-artista-cartográfico-ed.** RA' E GA: O Espaço Geográfico em análise, v.30, p. 106-130, 2014.

SEEMANN, J. **Carto-crônicas. Uma viagem pelo mundo da cartografia**.1.ed.Gurupi, TO: Editora Veloso, 2012.v.1.128 p.

SEEMANN, J.(RE)APRESENTAÇÕES CARTOGRÁFICAS DO ESPAÇO MUNICIPAL: MAPAS ARTÍSTICOS EM DERIVA DA CARTOGRAFIA ESCOLAR. **Revista Geografares**, v. 1, p. 48-65, 2014.